

**Entrevista** Economista da UFRJ aposta em novo ciclo de expansão calcado na pesquisa e na informação

# Crescimento será duradouro, diz Castro

Vera Saavedra Durão

Do Rio

O economista Antonio Barros de Castro, professor titular do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), prognostica que o país está no limiar de um novo ciclo de crescimento, após consolidar a estabilidade e destravar a economia, principalmente câmbio e juros.

Castro antevê um cenário de retomada da atividade econômica para um período longo, entre seis a oito anos, a taxas médias de 4% a partir deste ano, que poderão chegar a 6% se for enfrentada a questão do conhecimento pela busca de novas tecnologias pelas empresas e pelo governo. O Estado não está fora desse processo, cabendo-lhe criar políticas públicas que incentivem pesquisa e desenvolvimento e informações.

Pela primeira vez, o Brasil passa a crescer sem ter respaldo num Estado desenvolvimentista, dentro de uma economia aberta e sem ter o conhecimento dos setores chaves que impulsionarão esse movimento, afirma Castro. Esse novo modelo de crescimento está ancorado principalmente na indústria. Caberá à indústria nacional se preparar para uma competição ainda mais agressiva se "desentrancheirando".

As multinacionais deverão resolver sua crise de identidade e saber o papel que suas subsidiárias brasileiras terão dentro de sua estratégia internacional. A nova onda de crescimento poderá enfrentar gargalos como o do fornecimento de energia. Por outro lado, o aumento do PIB não será sinônimo de melhoria de distribuição de renda e de novos empregos. "Isso tem de ser objeto de políticas públicas". Ele defendeu ainda a adoção de uma política industrial de novo tipo — "leve" — capaz de dar condições às empresas de enfrentar melhor os desafios e poder influir na decisão das multinacionais de continuar a fazer investimentos de ponta. A seguir, a entrevista:

**Valor:** A retomada do crescimento econômico é para valer?

**Antonio Barros de Castro:** Quem acompanhou a intensa reestruturação pela qual as empresas passaram ao longo dos anos 90 no Brasil e entendeu que a estabilidade havia, no essencial, sido alcançada, estava predisposto a aceitar a retomada do crescimento como algo inscrito num futuro próximo. E agora, estamos no limiar de um novo ciclo de crescimento que será de longo prazo, abarcando os próximos seis a oito anos.

**Valor:** A situação macroeconómica possivelmente essa mudança de qualidade?

**Castro:** Na década passada, a economia estava travada macroeconomicamente, enquanto os fundamentos microeconômicos do crescimento estavam sendo constituídos. A estabilidade, essencial ao crescimento estava sendo consolidada, mas dois preços macroeconômicos ainda permaneciam fora do lugar: câmbio e juros. Quem tinha a perspectiva do crescimento, e eu já tinha há alguns anos, apostava que ele viria quando a economia fosse desatravada. Ela foi e está sendo desatravada. Foi com o câmbio e está sendo com o juro. Para mim, a retomada do crescimento não é surpresa. Há bastante tempo estou trabalhando nessa veia.

**Valor:** O senhor pode projetar a que taxas o Brasil vai crescer?

**Castro:** Digamos que uma taxa média de crescimento de 4% ao ano no limiar deste novo ciclo em que estamos ingressando é plenamente alcançável, a partir desse ano. Sem dúvida, esta taxa poderá ser ultrapassada nos próximos anos. Podemos alcançar média anual bem superior, de 6% nos próximos anos. Mas, para isso, será preciso conter duas tendências do capitalismo turbulento dos nossos dias — a instabilidade e a desigualdade crescente.

**Valor:** De que maneira elas influenciam o crescimento?



Barros de Castro: "Pela primeira vez, estamos no limiar de um ciclo de crescimento sem Estado desenvolvimentista, sem proteção no mercado interno, em escala comparável com o passado"

**Castro:** Se a empresa não tiver ideia de qual vai ser o calor do mercado quando completar sua expansão, vai ser cautelosa. Da mesma maneira, se a tensão social multiplica crises, ou ameaças de crises, a conduta do empresário vai ser reticente. Mas, além de conter estas tendências perversas, há outras questões fundamentais no caso de uma economia que está fechando a brecha de produtividade que a distância dos países desenvolvidos e entrando numa nova etapa de expansão. Destaco principalmente a questão do conhecimento, que vejo como um nicho especial de novas políticas públicas. No passado, o Estado participava diretamente da formação de capital, agora, através de políticas e re-

tros. Passaram a produzir novos produtos aqui chegados com a onda de importações. Renovaram com produtos semelhantes aos que estavam chegando. Fizeram racionalização, deslocamento de fábrica.

**Valor:** Prepararam-se para competir?

**Castro:** Sim, mas dentro de um perímetro que elas já conheciam. Chamei isto de entrincheiramento. Eu diria que por mais um dois, três anos estas empresas podem continuar insistindo nessas escolhas, nesse modo de crescimento que ainda pode render. Depende do setor e da empresa. Mas, dentro de pouco tempo isso se esgota. Primeiro, porque, setor a setor, vai bater na capacidade instalada. Segundo, porque os produtos se renovam muito rapidamente na atualidade. O ciclo de vida dos produtos é muito baixo. A medida que chegam neste ponto terão que fazer opções que nunca fizeram. Pela primeira vez terão simultaneamente que formar capacidade e fazer escolhas tecnológicas.

**Valor:** Qual a diferença hoje?

**Castro:** Estas empresas terão que decidir capacidade e trajetória. E necessitarão enormemente de duas coisas — pesquisa e desenvolvimento e informações abundantes. As empresas vão entrar na maturidade e vão começar a funcionar cada vez mais como empresa de país capitalista competitivo. Em matéria de P&D não dá mais para fazer mera cópia, espiar o vizinho.

**Valor:** As empresas nacionais conseguirão sobreviver a isso?

**Castro:** Creio que os anos 90 revelaram não só criatividade, como uma agilidade, por parte de numerosas empresas brasileiras, extraordinária. As ex-estatais, siderurgia, química, com mais razão ainda, estarão atingindo este ponto de mutação dentro de dois a três anos. Durante os primeiros anos pós-privilégio, era só enxugar, modernizar e desengarralar. Mas, daqui pra frente terão que tomar rumo. Eu diria que uma Usiminas já está tomando rumo.

**Valor:** Há outras diferenças?

**Castro:** Outra diferença radical é que a empresa nacional e a empresa estrangeira estão vivendo situações radicalmente diferentes no Brasil, o que é fundamental ter em conta.

**Valor:**

Como está a empresa nacional?

**Castro:** Para entender como está face ao novo crescimento a empresa nacional que deu certo nos anos 90 é preciso recapitular o seguinte: elas fizeram nos anos 90 escolhas conservadoras. Tomaram o patrimônio de conhecimentos por elas detido e localizaram dentro dele suas vantagens competitivas e adequaram este potencial aos novos produ-

**Valor:** É o caso da montadoras?

**Castro:** Estou me referindo especificamente às montadoras. Até porque, como já foi assinalado recentemente, na corrida pelo futuro e estimuladas pelos extraordinários benefícios fiscais e creditícios oferecidos pelo Brasil, elas acabaram dando um salto qualitativo e transformando o país em laboratório. Essa não era a intenção inicial de maneira nenhuma. Estas empresas, em vários setores passaram a ser cabeças de cadeia aqui no Brasil. A medida que assumem esta função complexa de cadeia vão descobrindo cada dia mais e mais vantagem em terceirizar. A mais recente questão que vem sendo colocada para elas é porque não terceirizar a própria fabricação em geral e ficar só com funções corporativas nobres como definição de produto, de estratégia, de tecnologia, de marketing, finanças, de relação com os clientes. A Volkswagen de Resende é estático disso. Mas, nem todas querem. Há dúvidas sobre os benefícios da terceirização.

Uma empresa que entrevistei me declarou que se recusa a terceirizar a fabricação porque perderá o controle do aprendizado.

**Valor:** Elas optaram então por comandar cadeias?

**Barros:** Essa história de coordenar cadeia também é complicada. Com isso, está extrapolando, planejando toda uma cadeia. Acomoda, define o mercado. Elas estão assumindo funções coordenadoras paragovernamentais.

**Valor:** E isto não gera conflitos com o Estado?

**Castro:** Isso introduz dificuldades. Não sabe como isso vai para frente. E eventualmente com outras instâncias de poder. Há uma certa politização das funções. Tudo isto são dilemas que está enfrentando já hoje, pois como acelerou as mudanças no Brasil acaba fazendo do país um laboratório não só organizacional, mas em geral. Há uma antecipação de questões no Brasil que as coloca diante de uma crise de identidade.

**Valor:** Como fica a questão das políticas públicas nesse contexto?

**Castro:** Curiosamente, elas já estão vivendo aqui uma crise de identidade. Primeiro, entraram para suprir o mercado interno estendido ao Mercosul e as coisas se precipitaram. A corrida em busca de "market-share" futuro foi se intensificando, se radicalizando, aí por 98/2000 começaram a ser implantadas fábricas "top" de fronteira no Brasil. Mudou o jogo e terão que repensar qual o espaço das filiais brasileiras nas suas estratégias.

para importar. Ora, não está escrito que tenha que ser assim. O Estado pode estimular uma mudança. Um campo novo de políticas de estado completamente diferentes do passado é a questão da P&D. As empresas vão precisar de um empurrão do Estado no curto prazo para ajudar a quebrar culturas. O campo das informações também é novo. Países como França, Itália, Espanha, tem sistemas público/privados, joint-ventures, para difusão de informações no campo das tecnologias. Isso é fundamental.

**Valor:** O BNDES faz isto?

**Castro:** Não. O BNDES tem toda uma história e cultura comprometido com a formação de capital. Agora, o que vai decidir a taxa de crescimento é em grande medida o aumento genérico da produtividade dos fatores. Ou seja, fazer tudo sempre de forma cada vez mais eficiente. Estamos numa fase de adaptação e sobrevivência às novas condições. Neste momento algumas empresas começam a ter dificuldades de capacidade. Celulose, por exemplo, bateu no teto. As indústrias de processo como celulose, petroquímica, cimento e siderurgia continuam sendo bastante rígidas pelo menos nas suas funções nucleares. E quando muda a capacidade, muda de forma completamente descontínua. É uma nova planta.

**Valor:** O Brasil tem política industrial para assegurar todas estas mudanças?

**Castro:** Não tenho dúvida alguma que se pode crescer menos, mediocremente e talvez instavelmente sem políticas industriais. Também não tenho nenhuma dúvida de que você pode assegurar taxas médias de crescimento bem mais rápidas e mais elevadas com uma política industrializada. O problema é de ter ou não competência e fôlego político institucional para produzir um quadro em que o crescimento seja rápido e sustentado. É uma tolice supor que no novo quadro institucional não há espaço para políticas industriais.

**Valor:** O Brasil tem política industrial hoje?

**Castro:** Eu diria que de forma consistente, atualizada, à altura do potencial, o Brasil não tem. Agora, o crescimento só está se colocando hoje. Até ontem, era sobreviver, estabilizar. O que acho importante é que o Brasil passe a ter política industrial, tentando formular políticas correspondentes a este novo ciclo de crescimento. Políticas industriais leves que busquem aumentar a ousadia,

**O importante é que o Brasil passe a ter políticas industriais leves, que busquem aumentar a ousadia"**

**Valor:** Nesse novo ciclo de crescimento o senhor não está dando ênfase excessiva à indústria?

**Castro:** Estou convencido que durante o ciclo de crescimento vai ocorrer o que já foi constatado inúmeras vezes. Quando uma economia cresce, a indústria cresce mais rápido. Muitos consideram isso como uma das leis da economia, Lei de Kaldor. Mas, há uma razão especial para que a indústria tenha um grande espaço pela frente.

**Valor:** Qual?

**Castro:** Ainda está a meio caminho a revolução do consumo de massa dos bens duráveis tradicionais no Brasil. Ainda está a meio caminho a difusão dos "velhos eletrodomésticos e eletroeletrônicos". Sei que a grande

Há constrangimentos que podem empurrar o crescimento?

**Castro:** Diria que as preocupações mais concretas são com oferta de energia e inércia da balança comercial.

**Valor:** O novo modelo vai gerar novos empregos?

**Castro:** Automaticamente, não. Isso tem de ser fruto de políticas sociais.